

A BELEZA QUE SALVARÁ O MUNDO:

a arte como expressão das coisas criadas por Deus

Pediram-me que falasse, no início deste Simpósio, sobre *A beleza que salvará o mundo: a arte como expressão das coisas criadas por Deus*. Eu vou tentar, de modo muito simples, falar da beleza, querendo motivar-lhes a reconhecer e cuidar da beleza presente no rico patrimônio artístico e cultural que possuímos no Estado do Rio de Janeiro.

Nós aprendemos dos gregos que todo ser, não importa o ele que seja, onde e quando esteja, possui três características transcendentais: o UNUM, o VERUM e o BONUM. Todo ser tem uma unidade interna, é verdadeiro porque se mostra como de fato é, e é bom porque desempenha bem o seu lugar.

Mas foi São Boaventura, na Idade Média, que acrescentou ao ser mais uma característica transcendental: o PULCHRUM, o belo.

Isso significa que todos os seres, mesmo aqueles que parecem hediondos, se olhados com afeição, nos detalhes e no todo, apresentam, cada um a seu modo, uma beleza singular na maneira como articulam equilíbrio e harmonia.

Contam que para Dostoievski (1821–1881) a beleza era tão central que ele se deslocava pelo menos uma vez ao ano até Dresden, na Alemanha, afim de contemplar a formosa Madona Sistina de Rafael.

Para ele, a contemplação da Madona de Rafael era a sua terapia pessoal, pois sem a beleza os homens se desesperariam de si mesmos.

Ele dizia que o contrário do belo não era o feio, mas o espírito utilitarista e o uso dos outros, roubando-lhe assim a dignidade.

Seguramente não podemos viver sem pão, mas também é impossível existir sem beleza, ele repetia. A beleza é mais que um conceito estético, ela possui uma dimensão ética e religiosa.

Dostoiévski é considerado um dos maiores literatos de todos os tempos. Suas obras exploram a psicologia humana no contexto da conturbada atmosfera da Rússia do século 19.

Um personagem de seu romance *O Idiota* (de 1869) diz as palavras que se tornaram célebres: Qual beleza salvará o mundo? Essa pergunta Dostoiévski, coloca nos lábios do ateu Hipólito feita ao príncipe Myskin: “*É verdade, príncipe, que dissestes um dia que o que salvará o mundo será a beleza? Senhores – gritou alto para todos – o príncipe afirma que o mundo será salvo pela beleza... Qual beleza salvará o mundo?*”

O príncipe não responde à pergunta (como um dia Jesus, o Nazareno, diante de Pilatos não respondera senão com sua presença à pergunta: “*O que é a verdade?*” (Jo 19,38). Parece até que o silêncio do príncipe – que está junto do jovem que está morrendo de tuberculose com dezoito anos – quisera dizer que a beleza que salva o mundo é o amor que partilha a dor.

Desde então, muitos pensadores têm discutido o significado dessa afirmação. A grande pergunta que precisa ser feita é: qual beleza salvará o mundo?

Nossa cultura é dominada pelo marketing. Ela vê a beleza como uma construção do corpo e não da totalidade da pessoa.

Daí a indústria da beleza a ser construída, mas é uma beleza sem alma. Não é beleza, é estética, uma beleza fria com aura de artificialidade, incapaz de irradiar. Disso irrompe a vaidade, não o amor. É pena porque a beleza tem a ver com o amor e com a comunicação.

A beleza é um valor em si mesmo, é gratuita e sem interesse.

É como a flor que floresce por florescer pouco importa se a olham ou não.

Um místico chamado Angelus Silesius (1624-1667) pergunta: *Quem não se deixa fascinar por uma flor que sorri gratuitamente ao universo?*

Em sânscrito *Bet-El-Za* quer dizer: o lugar onde Deus brilha.

E é dessa beleza que gostaria de mencionar 3 atributos: a simplicidade, a pureza e a doçura.

Elas não são apenas atributos, mas a própria indescritível beleza enquanto realidade da qual pouco se pode falar porque nada se pode captar, não por ela ser fugaz, mas por ser eterna.

A SIMPLICIDADE

Geralmente, ouvimos alguém dizer: eu sou uma pessoa simples, sem se perguntar nem ter alguma clareza sobre o que é ser uma pessoa simples. Enfim, sobre o que é, afinal, a simplicidade.

Pensem de novo em uma flor. A rosa, por exemplo, ela floresce porque floresce. Não se preocupa consigo nem deseja ser vista.

A simplicidade é isso. Ela não se questiona sobre si mesma.

Seria por que ela se aceita? Não. Ela nem se aceita nem se recusa.

Ela não se interroga, não se contempla, não se considera, não se louva nem se despreza.

Ela é o que é, simplesmente, sem desvios nem afetação.

Seja o que for que ela faça, não vê nisso matéria para discursos nem comentários,

O real basta ao real, e a simplicidade é o próprio real.

A simplicidade não é sequer uma virtude que se cole à existência.

Ela é a própria existência enquanto nada a ela se soma.

Por isso é rara, é transparente, é leve.

A simplicidade é a vida sem frases e sem mentiras, sem exagero e sem grandiloquência, sem esnobismo.

A vida sem congestionamento, sem complicação nem complexidade.

A vida como ela é. E não precisa mais.

Não seria esse o retrato mais fiel da beleza?

Não seria essa beleza capaz de salvar o mundo?

Salvar de quê? Ora, salvar o mundo dele mesmo.

A rosa não tem porquê, floresce porque floresce.

Mas não há nada mais complicado do que uma rosa para quem a quiser compreender.

Não há nada mais simples para quem não quiser nada, a não ser contemplá-la.

A rosa enquanto rosa é a simplicidade da presença.

O contrário do simples não é o complexo, mas o falso.

Mas ao contrário do que possa parecer, simplicidade não é inconsciência nem tolice.

Simplicidade é o antídoto do veneno vaidade que satura a inteligência.

Ela é desprendimento, despojamento, nudez, pobreza, sem outra riqueza senão o tudo.

Simplicidade é leveza e transparência.

Ela é o ar do pensamento, como uma janela aberta para o grande sopro do mundo, a infinita e silenciosa presença do tudo.

Repito, não é isso a própria essência da beleza, só ela capaz de ser o bisturi que salva o mundo de sua própria doença.

A simplicidade é essa retidão da alma, que elimina qualquer volta inútil sobre si mesma, com a exatidão de um bisturi que extirpa o tumor.

Se cada virtude só é ela mesma, se for livre da preocupação de parecer, a simplicidade é a virtude das virtudes. Ela é isenta até da preocupação de ser. Ela não conhece a palavra pretensão.

A simplicidade não tem rebuscamento, nem artifício.

A simplicidade não é uma virtude da infância, mas trata-se de uma infância como virtude. Uma infância reencontrada, libertada de si mesma: da imitação dos adultos, da impaciência de crescer, da grande seriedade de

viver, do grande segredo de ser si mesmo. É a infância do espírito que requer um requinte. Não é curioso? Simplicidade exige requinte.

Quem é simples sabe disso e nem se importa.

O homem simples não se interessa suficientemente para se julgar.

Ele não se leva nem a sério nem a trágico.

Segue seu pequeno caminho, de coração leve, de alma em paz.

Não tem nostalgia nem impaciência.

O mundo é seu reino e isso lhe basta.

O presente é sua eternidade, e isso o satisfaz.

Nada tem a provar, porque não quer parecer nada.

Nada tem a buscar, porque está tudo ali.

A alma simples é um convite o tempo todo repetido a ir aqui e ali à procura, por toda parte, de uma alegria em migalhas, como um pardal, cujo saltitar é sua única oportunidade de encontrar e saborear a beleza espalhada no chão.

A simplicidade é a face da beleza que não vemos.

Ela é o todo e o todo não é captável.

A simplicidade é o regozijo do que não falta nem mesmo quando falta.

Bem-aventurados os pobres. Bem-aventurados os simples!

Deles é o prazer da vida e deles é o Reino dos céus.

A PUREZA

Outra faceta da beleza é a pureza.

Definir pureza não é das coisas mais fáceis. Por isso se não sabemos o que é algo, podemos caminhar pela via oposta, indo o encontro do contrário.

Quando falamos em pureza a primeira coisa que nos vem à mente é a sujeira. Mas o que é sujeira?

Sujeira outra coisa não é senão aquilo que se encontra fora do lugar.

A terra dentro do vaso não é sujeira; espalhada pelo chão da casa é.

A comida dentro do prato não é sujeira; espalhada sobre a mesa é.

A corrupção que estamos vivendo também é uma sujeira. Acredito que ninguém mais aguenta ouvir falar de corrupção e desordem.

Mas aqui faço um parêntesis, diante do momento que vivemos, lembrando as palavras diretas e corajosas do Papa Francisco ao falar de corrupção em sua visita ao povo de Nápoles: ***“Quanta corrupção há no mundo! Eu espero que vocês tenham coragem de limpar a cidade e limpar a sociedade de modo que não haja mais o mau cheiro da corrupção”.***

Isso tudo nos leva a crer que aquilo a que chamamos sujeira é aquilo que se encontra fora de uma ordem preestabelecida pelo Grande Outro social.

Ora, a beleza é justamente o esplendor da ordem.

O belo é aquilo que se manifesta puro, porque nada irrompe de seus contornos e nada danifica a ordem necessária à existência.

Para pensar em pureza sigo o caminho de Santo Agostinho. Se ninguém me pergunta o que ela é, eu sei. Mas se alguém me pergunta e eu quero explicar, já não sei mais.

A pureza é uma evidência e um mistério.

A primeira noção de pureza diz respeito ao limpo, sem mancha, sem mácula. Mas esses adjetivos trazem seus perigos inerentes.

Uma água é pura quando não tem germens, nem cloro, nem calcário, nem sais minerais, nem nada além de água.

Mas essa pureza é tão perigosa quanto as purezas étnicas. Só a purificação étnica da Sérvia, com milhares de mortos, deveria bastar para não pensar mais assim.

Também as religiões, de forma sutil ou explícita, foram moldadas nesse binômio do puro-impuro.

Infelizmente essa polaridade descamba num ritualismo vazio.

O essencial não está nos ritos, mas no que eles sugerem ou criam.

Tampouco é essa pureza que quero enfatizar.

O que pretendo dizer é que nada é puro ou impuro por si mesmo.

A mesma saliva faz a cusparada ou o beijo; o mesmo desejo pode provocar um gesto violento ou um gesto de amor.

Tudo que humilha, avilta, profana, rebaixa; tudo o que não respeita o outro ou não o leva em consideração está a meio-caminho do impuro.

A pureza é o contrário dessa vilania.

Ela é a doçura do desejo, a paz do desejo, a inocência do desejo.

É impressionante como as pessoas se tornam castas em seguida ao amor. Essa é a pureza.

A pureza não é uma essência.

Ela é uma certa maneira de não ver o mal onde ele não se encontra.

Amar é aceitar a distância. Ser puro é aceitar o amor.

O amor que toma posse é impuro. O amor que se doa é puro.

Amar é dar e perder, é olhar e aceitar, é regozijar-se com o impossível.

Amar é encontrar regozijo no que nos faz infinitamente pobres e é o único bem, a única riqueza.

Pobreza e riqueza infinita se encontram na mãe à beira do leito do filho: ela não possui nada, pois ele é tudo e ela não o possui.

Não é impressionante como essa pureza e esse amor tocam a fimbria do manto da beleza?

Ela está aí e não pode ser possuída. Se for, já não estará mais.

Nada do que se pode possuir é puro.

A pureza é despojamento e abandono.

Ela começa onde cessa o eu, onde se perde, onde ele não alcança.

Quando Freud ensinou que uma das formas de contornar a pulsão era por meio da sublimação, ele estava dizendo justamente o que foi dito logo atrás.

O amor só se advém libertando-se de si.

A única forma do eu existir é deixando de ser para que o outro seja.

As mães sabem disso; os apaixonados, também.

Pode ser e assim esperamos que um dia o amor nos liberte um pouco de nós mesmos e de nossa avidez, que um dia o amor purifique o amor, até o ponto do sujeito se perder e se salvar.

Isso só acontecerá quando não houver nada além da alegria, nada além do amor, nada além do tudo e da pureza do tudo.

Spinoza ensinou que a beatitude não é nem o preço da virtude, mas a própria virtude. A beleza que nos salva se encontra em compreender isso.

A pureza é a face da beleza que contemplamos.

Felizes os puros, porque verão a Deus!

A DOÇURA

A doçura é uma virtude feminina.

Embora a palavra VIRTUDE, vinda do latim, VIR, tenha conotação VIRIL, quem há de negar à doçura seu caráter feminino?

A virilidade não é nem uma virtude nem uma falta. É uma força, assim como a feminilidade é uma riqueza e uma força também, porém diferente.

Eu gosto de entender a doçura como uma virtude feminina, não importa o corpo ou a alma que ela habite.

A agressividade é uma fraqueza, a cólera é uma fraqueza, a violência não dominada é uma fraqueza.

Nada pode dominar a agressividade, a cólera e a violência senão a doçura.

A doçura é uma força em estado de paz.

Você só será amado no dia em que mostrar sua fraqueza e o outro não se servir dela para afirmar sua força.

Querer ser amado, simplesmente, é querer ser amado com doçura.

Amar é ceder a vez, amar é recuar.

O esforço não basta a tudo. Por uma necessidade natural, todo ser tende sempre a exercer todo poder de que dispõe.

A doçura é a exceção que confirma a regra. A doçura é poder sobre si, até contra si se preciso.

A doçura é o contrário da tomada de poder.

A doçura é o Eros libertado de Thânatos, ou seja, o Eros libertado da morte e até de si mesmo.

A humanidade não inventou a doçura.

Mas a cultiva e se alimenta dela, e é isso que torna a humanidade mais humana.

Não seria também a doçura uma faceta brilhante da beleza, dessa beleza que se recusa a ser encarcerada, inclusive, nas palavras?

A doçura é a face da beleza que tocamos.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra!

ENCERRAMENTO

Minhas palavras não traçaram um roteiro porque todo roteiro possui a pretensão descabida de conhecer o caminho.

Nesse caminho da beleza somos apenas caminhantes.

O caminho vai se fazendo à medida que caminhamos.

Minhas palavras quiseram apenas dar um toque de espiritualidade e deixar pistas para esse encontro sobre a beleza, que ora se inicia.

Elas são apenas as primeiras palavras de outras tantas que serão ditas, procurando reconhecer na arte a expressão da beleza das coisas criadas por Deus.

Quando aceitei o convite para iniciar esse Simpósio eu o fiz sabendo das minhas limitações diante dos senhores e senhoras que aqui se apresentarão.

Mas eu quis contribuir de alguma maneira, pequena que fosse, para enriquecer esse momento tão promissor.

Antes de terminar, eu gostaria de dizer que o fato de alguém não crer em Deus não o impede de ter um espírito nem o dispensa de usá-lo.

Beleza, religião e arte sempre tiveram um parentesco e, até digo, um conluio generoso, a fim de tornar o humano mais digno de si e, porque não, evitar que ele sinta vergonha de si mesmo.

Motivos não faltaram nem faltam!

Podemos prescindir de religião, mas não podemos prescindir de comunhão nem de fidelidade nem de amor.

Tampouco podemos prescindir de espiritualidade.

Não é por ser ateu que alguém tenha de castrar sua alma.

O espírito é algo importante demais para ser terceirizado aos espiritualistas.

Ele é a parte mais elevada do homem, é o que faz de nós outra coisa que os bichos, mais e melhor do que o animal que também somos.

O homem é um animal metafísico, disse Schopenhauer.

Eu ousou acrescentar: o homem é um animal espiritual.

Essa é a nossa maneira de habitar o universo ou o absoluto que nos habita.

Não crer em Deus não é motivo para amputar uma parte da própria humanidade.

Não ter religião não é motivo para renunciar à vida espiritual.

Repensando as três grandes virtudes cristãs, a Fé, a Esperança e a Caridade, eu diria que a fé será melhor quando for fidelidade, a esperança alcançará seu destino absoluto quando se transformar em ação, e o amor, quando abolir toda submissão.

Nós vivemos no âmago do ser, no âmago do mistério.

Espiritualidade, ainda que imanente, é mergulhar no universo das possibilidades e ser uma delas: a mais bela de todas.

No princípio era a palavra, o silêncio e a beleza.

É a beleza que confere ao silêncio e à palavra a capacidade de serem plenos.

Só quando o homem for pleno ele dispensará a beleza.

Nesse dia, ele será a própria beleza.

Nesse dia, ele estará salvo.

Para nós cristãos, o homem estará salvo pela beleza do amor que partilha a dor.

O homem estará salvo pela beleza do amor de Jesus Crucificado e Ressuscitado.

Muito obrigado!